

## **A melhor fotografia de 2020<sup>1</sup>**

Juliana Andrade Leitão<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Pernambuco

### **Resumo**

A pergunta levantada para escrever este trabalho e fazer esta análise foi a seguinte: O que faz uma fotografia sobre a Covid-2019 ganhar o prêmio mais disputado de fotojornalismo do mundo? A partir dessa questão, levantamos algumas hipóteses tais como a escolha do assunto, o tratamento da notícia, a postura de quem fotografa e seus discursos sobre o fotojornalismo e sua função no mundo e, por fim, a repetição de mais uma Pietà. A foto premiada é acertada em várias aspectos, mas erra no discurso sobre a potência do fotojornalismo. Desperdiça a chance de ser disruptiva, intrigante, inquieta, pensativa, obtusa, *punctum*.

### **Palavras-chave**

Fotojornalismo; World Press Photo; Covid-19

### **A fotografia da pandemia de Covid-19**

A fotografia premiada no World Press Photo em 2021 é a imagem norteadora das análises a serem desenvolvidas no presente trabalho. A imagem da pandemia, que recebeu o galardão de ser a melhor narrativa sobre o momento atual, traz em si mesma diversos pontos interessantes que iremos destrinchar a partir de uma base teórica do campo da imagem fotográfica e da observação empírica da premiação, juntamente com as entrevistas, textos e análises feitas pelos jurados do World Press Photo.

No livro *A Doença como Metáfora*, Susan Sontag fala sobre a amnésia acerca da pandemia de gripe no início do século XX: “Doenças entendidas como meramente epidêmicas tornaram-se menos úteis enquanto metáforas, como se comprovou com a amnésia histórica quase total acerca da pandemia de gripe em 1918-9, na qual morreram mais pessoas do que em toda a Primeira Guerra Mundial” (SONTAG, 1984, p.56). O Ano não é mais 1918 e 1919, mas 2020 e 2021, o que significa que uma profusão de imagens produzidas por amadores com câmeras acopladas a telefones celulares irá

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Fotografia, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professora Adjunta da Universidade Federal de Pernambuco. Contato:juliana.leitao@ufpe.br

---

contribuir para o registro do que está acontecendo. O que não quer dizer, que não haverá o mesmo esquecimento das outras pandemias.

Diante da impossibilidade de abarcar todas as imagens que estão sendo produzidas na pandemia da Covid-19, fizemos um recorte muito específico, excluimos a fotografia amadora e nos debruçamos sobre a fotografia profissional, especificamente jornalística e documental. Ao nos debruçarmos sobre uma premiação tão disputada, estamos filtrando uma série de outros trabalhos tão ou mais interessantes do que o que trazemos aqui. O recorte deu-se para fins metodológicos e esperamos mais adiante abordar outras imagens que tratam da pandemia atual. Um fator norteador para a escolha da imagem a ser analisada é o da premiação, que já foi foco de estudos anteriores (LEITÃO,2016) e continua atraindo nossa atenção. O que percebemos neste trabalho de singular é o fato da premiação de 2021 ter um tema guarda-chuva único. Nos últimos anos, o World Press Photo tem premiado assuntos diversos, sempre deixando as apostas em aberto. Em 2021, o prêmio seria, inevitavelmente, a pandemia, então a disputa estava posta entre fotógrafos e agências de qual seria a imagem vencedora que falasse melhor do assunto.

### **A fotografia ou o fotógrafo que ganha prêmio**

O fotojornalismo premiado participa da construção da própria história dos meios de comunicação. As imagens que não aparecem em nenhum dos grandes prêmios, correm o risco do esquecimento. É difícil saber quem vem primeiro, a premiação faz a foto ter grande circulação ou a foto com grande repercussão, recebe a premiação, arriscamos dizer que não existe causa e efeito, as duas situações acontecem e se retroalimentam. Alguns/as representativos/as fotógrafos/as receberam o direito de serem os/as melhores contadores das histórias recentes. James Nachtwey<sup>3</sup>, o famoso fotógrafo de guerra, ganhou o World Press entre 1984 e 2004, vinte e cinco vezes (WPP,2021). As reportagens são frutos de uma estrutura gigantesca que inclui uma agência, distribuição mundial, prêmios, livros de história e divulgação em mídias sociais.

---

<sup>3</sup> James Nachtwey é fotógrafo da revista Time desde 1984, foi associado da agência Black Star de 1980 até 1985 e foi membro da Magnum entre 1986 e 2001. Em 2001, tornou-se um dos membros fundadores da agência de fotografia VII. Ele recebeu inúmeros prêmios, incluindo dois World Press Photo do Ano, cinco medalhas de ouro Robert Capa, o Infinity Award e W. Eugene Smith Grant em Fotografia Humanista. Ele é um membro da Royal Photographic Society e tem um Doutorado Honorário de Belas Artes de Massachusetts College of Art.

A legitimação dos prêmios foi construída ao longo dos anos, hoje pode-se dizer que os prêmios impulsionaram a carreira de importantes fotógrafos e fotógrafas e atestam qualidade aos meios de comunicação de massa, agências e coletivos fotográficos que produzem fotografia com fins informativos. O maior deles, em número de premiações outorgadas e divulgação nos meios de comunicação de massa é o World Pres Photo. Segundo o site da instituição: “Nós nos esforçamos para gerar grande interesse público e apreço pelo trabalho de fotógrafos e para a livre troca de informações” (WPP,2021). As atividades desenvolvidas por eles incluem o concurso anual, exposições, programas educacionais e publicações.

### **Questão norteadora para este trabalho**

- O que faz uma fotografia sobre a Covid-2019 ganhar o prêmio mais disputado de fotojornalismo do mundo?

Refletimos sobre as perguntas trazidas por Leão Serva e as incorporamos nas inquietações que iremos conduzir neste trabalho “o que nas imagens de guerra atrai a atenção dos espectadores? O que faz delas um motor de aumento de audiência?” (SERVA, 2020, p.17). Esse livro foi fundamental para as análises que trazemos no presente artigo, o autor observa como Aby Warburg identificou as “fórmulas da emoção” em obras renascentistas e traz esse conceito para identificar a presença dessa fórmula na fotografia de guerra.

Esses elementos presentes na pintura – as vezes dominantes, outras em detalhes – são referências a imagens antigas, mitológicas, que vivem uma pós-vida (Nachleben era o termo usado por Warburg) ou uma vida continuada, recontextualizando-se em uma imagem do presente (SERVA, 2020, p.20).

### **WPP 2021 e a foto premiada**

O World Press Photo apresentou os ganhadores de 2021 (referente ao ano de 2020) no último dia 15 de abril de 2021. A foto ganhadora do World Press Photo of The Year foi feita em São Paulo e o tema é a pandemia da Covid-19.

O Concurso Fotográfico de 2021 recebeu trabalho de 4.315 fotógrafos de 130 países que inscreveram 74.470 imagens. Segundo os dados apresentados no próprio site da instituição, de todos os participantes, 48% vieram da Europa, 22% vieram da Ásia, 14% da América do Norte e Central, 7% da América do Sul, 5% vieram do Sudeste Asiático e Oceania e 3% vieram da África. No total, 80% dos inscritos se identificam

como homens, 19% se identificam como mulheres e 1% prefere não se dizer ou se identificar com outro gênero.

Os indicados para o Concurso de Fotografia de 2021 são 45 fotógrafos de 28 países: Argentina, Armênia, Austrália, Bangladesh, Bielo-Rússia, Brasil, Canadá, Dinamarca, França, Grécia, Índia, Indonésia, Itália, Irã, Irlanda, México, Mianmar, Peru, Filipinas, Polônia, Portugal, Rússia, Eslovênia, Espanha, Suécia, Suíça, Holanda e Estados Unidos. Dos indicados deste ano, 11 fotógrafos se identificam como mulheres (24%), enquanto 76% dos fotógrafos se identificam como homens.

2021 Photo Contest



World Press Photo of the Year

Mads Nissen



Figura 01 – Printscreen do site World Press Photo. Disponível em <  
<https://www.worldpressphoto.org/collection/photo-contest>> Acesso em 05 de julho de 2021

Esses dados contextualizam a nossa questão prioritária, que é a foto do ano. A imagem recebe o nome de *The first Embrace* foi fotografada pelo fotógrafo Mads Nissen (Politiken/Panos Pictures).

O Texto que acompanha a imagem diz o seguinte:

05 de agosto de 2020. Rosa Luzia Lunardi (85) é abraçada pela enfermeira Adriana Silva da Costa Souza, no lar Viva Bem, São Paulo, Brasil. Este foi o primeiro abraço que Rosa recebeu em cinco meses. Em março, asilos em todo o país fecharam suas portas a todos os visitantes como resultado da pandemia COVID-19, impedindo que milhões de brasileiros visitassem seus parentes idosos. Os cuidadores foram obrigados a manter contato físico com os vulneráveis ao mínimo. No Viva Bem, uma invenção simples, ‘The Hug Curtain’, permitiu que as pessoas se abraçassem mais uma vez. O novo coronavírus apareceu pela primeira vez em Wuhan, China, no final de 2019, e

---

em janeiro de 2020 começou a se espalhar pelo mundo. Em 11 de março, a Organização Mundial da Saúde declarou o surto de COVID-19 uma pandemia. A doença - transmitida principalmente por contato próximo, gotículas respiratórias e aerossóis - poderia ser fatal, e pessoas com mais de 70 anos eram um dos grupos considerados mais vulneráveis à doença. O presidente brasileiro, Jair Bolsonaro, rejeitou alegações sobre a gravidade da pandemia e o perigo representado pelo vírus, minou as medidas de quarentena adotadas em nível estadual e incentivou os brasileiros a continuarem trabalhando para manter a economia à tona. O Brasil encerrou 2020 com um dos piores recordes mundiais no tratamento do vírus, com cerca de 7,7 milhões de casos notificados e 195 mil mortes (WPP,2021)

No site, aparecem as seguintes explicações sobre a escolha da fotografia vencedora: “Esta imagem extremamente poderosa nos mostra como você pode curar a solidão, como você pode levar esperança às pessoas”, disse Pilar Olivares, fotógrafa da Reuters e membro do júri do 2021 Photo Contest “Essa imagem falando do COVID-19 era diferente e muito poderosa, com um abraço. O fotógrafo nos mostra que é possível sobreviver ”, acrescentou (WPP,2021)<sup>4</sup>. “Eu vejo esta foto como uma das raras fotos positivas sobre a era COVID-19. É uma cena simbólica, transmitindo o esforço que os trabalhadores da linha de frente fizeram e as dificuldades por que passaram. O fotógrafo tinha que estar no lugar certo na hora certa”, disse Ahmed Najm, membro do júri e diretor-gerente da Agência de Metrografia, sobre a imagem vencedora.<sup>5</sup>

Mads Nissen<sup>6</sup>, o ganhador deste ano de 2021 é da Dinamarca, formado em jornalismo, mora em Xangai desde 2007, foi aluno do Joop Swart Masterclass, um curso promovido pelo World Press Photo. Desde 2014, ele trabalha como fotógrafo da equipe do diário dinamarquês Politiken. Suas imagens também foram publicadas na Time, Newsweek, CNN, National Geographic, The Guardian, Stern e Der Spiegel, entre outros. Em 2015, sua fotografia de um casal gay da Rússia foi selecionada como World Press Photo of the Year. Ele é representado internacionalmente pela Panos Pictures, Prospekt na Itália e LAIF na Alemanha. Envolvimento da World Press Photo: Fotógrafo premiado 2021 Photo Contest, 2015 e 2011 e Joop Swart Masterclass 2009

O fotógrafo premiado fez um vídeo explicando o contexto da sua fotografia, disponível no site do concurso. No vídeo, Nissen diz que trata-se de uma história sobre esperança e amor, depois conta que quando soube da crise em desenvolvimento no

---

<sup>4</sup> Disponível em < <https://www.worldpressphoto.org/news/2021/contests-nominees-announced> > Acesso em 05 de julho de 2021

<sup>5</sup> Disponível em < <https://www.worldpressphoto.org/news/2021/contests-category-winners> > Acesso em 05 de julho de 2021

<sup>6</sup> Mads Nissen nas redes sociais: Instagram: @madsnissenphoto, Twitter: @MadsNissenPhoto

Brasil e a pobre liderança do presidente do país, sentiu a necessidade de fazer alguma coisa sobre a questão. Ele veio ao Brasil, especificamente foi para São Paulo, onde ficou sabendo que ia acontecer um evento de abraços por meio de cortinas de plástico, ou seja, as pessoas poderiam se abraçar, apesar do perigo do vírus. Ele afirma que quando chegou, viu que seria incrível, o plástico era transparente e a luz estava bonita. Termina o vídeo dizendo que tentou captar o que nos une como seres humanos.

O discurso do fotógrafo premiado e os comentários dos juízes são úteis para a compreensão do prêmio. Uma das primeiras observações que trazemos é que o discurso do fotógrafo é semelhante ao que foi proferido por John Stanmeyer<sup>7</sup> vencedor do mesmo prêmio no ano de 2014 e é semelhante ao discurso do próprio Mads Nissen, que já ganhou anteriormente o mesmo prêmio do ano em 2015.

### **O que faz essa foto, especificamente, ser a melhor do ano?**

A primeira hipótese é o assunto. A pandemia da Covid-19 foi o grande tema de 2020 e aparece nas categorias menores da premiação. Um prêmio de notícia está atento ao que tem agendado as discussões nos jornais, revistas e sites especializados em informação.

Apesar de todas as transformações que têm ocorrido no campo dos *media*, as principais tarefas do jornalista ainda estão relacionadas com as suas mais tradicionais funções: seleção e hierarquização de acontecimentos suscetíveis de terem valor como notícia; (SOUSA,1999)

Para Hall, Chritchler, Jefferson, Clarke e Roberts (1999), “‘As notícias’ são o produto final de um processo complexo que se inicia numa escolha e seleção sistemática de acontecimentos e tópicos de acordo com um conjunto de categorias socialmente construídas” (199: 224). Desta forma:

basta dizer que os valores-notícia fornecem critérios nas práticas de rotina do jornalismo que permitem aos jornalistas, editores e agentes noticiosos decidir rotineira e regularmente sobre quais as ‘estórias’ que são ‘noticiáveis’ e quais não são, quais as ‘estórias’ que merecem destaque e quais as que são relativamente insignificantes, quais as que são para publicar e quais as que são para eliminar (1999: 225).

A segunda hipótese é o tratamento da notícia, sabemos que a pandemia era a grande história a ser contada, mas ela poderia ser recortada a uma história singular de forma emotiva. Observamos que além do critério de noticiabilidade, existem valores que estão relacionados às histórias de vida, à emotividade, à sensibilidade, emoções que

<sup>7</sup> Foto de John Stanmeyer . Disponível em < <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo/2014/29628/1/2014-john-stanmeyer-ci> > Acesso em 27 de julho de 2021

afetam o leitor. Gaye Tucman, no texto Contando “estórias” aborda o jornalismo que aposta nos conflitos particulares, “realçando o drama” a “perda” o “miúdo”. Este modo de relatar os fatos a partir de personagens e histórias privadas dentro de um acontecimento maior (TUCHMAN, 1999). Ou seja, não são fotos das ruas italianas esvaziadas ou caixões enfileirados ou até hospitais de campanha, mas a história de alguém foi isolada para contar a história da pandemia.

A palavra empatia vem à tona imediatamente, uma palavra muito usada quando pensamos em fotojornalismo e nessa imagem, ela salta muito claramente. Como alguém que não fala a língua daquelas pessoas, não participa daquela cultura, consegue trocar emoções com seus fotografados ou reconhecer seus gestos? Como não se identificar com essa enfermeira e essa senhora idosa na narrativa pandêmica? Serva (2020) traz *A expressão das emoções no homem e nos animais* de Charles Darwin, para dizer que “Diante de movimentos semelhantes para sentimentos semelhantes, homens e animais identificam a emoção dos outros de forma imediata. Essa capacidade de entender o sentimento contido nas expressões alheias viria a ser definida como empatia” (SERVA, 2020, p.35). Um termo cunhado no século XX que trata da experiência do afeto. Talvez o mais interessante seja a palavra alemã *Einfühlung* de Frans de Waal<sup>8</sup> “A empatia oferece acesso direto ao ‘outro eu’” (SERVA, 2020, p.35).

A terceira hipótese é a postura de quem fotografa e seus discursos sobre o fotojornalismo e sua função no mundo. Quem fotografa precisa estar atento às questões da conduta do fotojornalista e sua aspiração de ajudar a compreender o que está acontecendo. Na fala do prêmio, o fotógrafo diz que soube da situação no Brasil e precisava fazer alguma coisa, eventualmente ir lá (se referindo ao Brasil). Depois, quando está descrevendo a cobertura fotográfica em si, no local onde fez a imagem, o fotógrafo fala da luz bonita, do cenário, de criar empatia, e frisa que não fez nada, precisou conectar com as pessoas e ficar quieto. Uma fala muito carregada dos ensinamentos do *Instante Decisivo* de Henri Cartier Bresson. Para Gallard: “O fotógrafo escrupuloso descreve suas intenções, suas dúvidas, suas provações íntimas. Não revela apenas suas fotos, mas também as razões que têm para mostra-las” (GALLARD, 2012, p.118).

Cartier Bresson escreveu sobre as condutas de um fotógrafo e legitimou um discurso da imagem que é real e não montada e posiciona o/a fotógrafo/a no lugar de um

---

<sup>8</sup> DE WAAL, Frans. *A era da empatia*, São Paulo: Companhia das Letras, 2010, p.98.

caçador da imagem, argumento que é reproduzido nos comunicados oficiais das premiações. Bresson usa um universo fantástico para falar da fotografia, usa termos como “prisioneiro da caverna” para dizer que o homem comum não percebe o que o/a fotógrafo é capaz de captar e que quem olha pelo obturador distingue as imagens enganadoras ou fracas (SOULAGE, 2010, p.39).

A quarta hipótese e, talvez a mais convincente, seja a mais simples de todas, trata-se de mais uma Pietà revisitada pelo fotojornalismo.

Existem diversos motivos pelos quais uma imagem fotográfica ganha um prêmio do porte do World Press Photo, como foi apontado na tese *fotojornalismo disruptivo: espaços de disputa, processos de ruptura e a representação visual dos acontecimentos no World Press Photo* (LEITÃO,2016). A figura equivalente à Pietà de Michelangelo<sup>9</sup> é uma dessas imagens que são revisitadas pela cultura visual do fotojornalismo.

O conceito *Nachleben der Antike*<sup>10</sup> explica muito bem do que se trata a questão. Essa “sobrevida” ou “pós-vida”, “influência continuada”, “redespertar da Antiguidade”, imitação dos antigos”<sup>11</sup> (SERVA,2020, p.44)

A fotografia feita por Sebastião Salgado em 2000, a fotografia de Dorothea Lange, nos anos trinta, a fotografia de Samuel Aranda, premiada em 2012, são alguns dos exemplos que trazemos aqui para refletir sobre uma cultura visual repetitiva que propõe uma aproximação da escultura do artista renascentista. Alguns críticos como Jean Galard teceram comentários sobre as Madonas do fotojornalismo e o problema em observar mães islâmicas e compará-las à símbolos cristãos, como aconteceu com a fotografia de Houcine Zaourar, premiada pelo World Press Photo.

Na foto de Samuel Aranda<sup>12</sup>, vemos uma mulher coberta com um *niqab* e com luvas brancas que abraça, num gesto de cuidado, seu filho com o torso nu e mostra o contraste entre cobrir e desvelar. O debate sobre essa imagem, na época de sua premiação, recaiu sobre o fato de mais uma Pietà como tantas outras foram feitas e premiadas com esse mesmo modelo de representação. A imagem foi analisada e classificada por Zarzycka e Kleppe (2013) como uma convenção de longa data em

---

<sup>9</sup> *Pietà* é uma Escultura feita pelo artista Michelangelo Buonarroti (1498-1499). Conservada na Basílica de São Pedro, Vaticano.

<sup>10</sup> Ideia concebida por Aby Warburg “descrito pelo autor de sua biografia intelectual como a ‘principal preocupação de Warburg’ [...] que se dedicou principalmente a apontar a presença de elementos arcaicos na cultura do presente” (SERVA,2020, P.43)

<sup>11</sup> Termos pesquisados por Gabriela Reinaldo no livro *A Paixão Segundo A.W* e citado no livro de Leão Serva (2020).

<sup>12</sup> Foto de Samuel Aranda. Disponível em < <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo/2012/30046/1/worldpress-photo-of-the-year-2011> > Acesso em 27 de julho de 2021.



---

reportagem de guerra: o de uma mulher de luto, assim passa a fazer parte do grupo de imagens que mostram as mães chorando seus filhos, filhas chorando seus pais e irmãos e esposas chorando por seus maridos.

Essas fotografias substituem o infotografável pelo reconhecível, o que os autores Zarzycka e Kleppe (2013:981) chamam de “*symbolic accessibility*”. A hipótese de Serva à sua pergunta do que nas imagens de guerra atrai os espectadores (2020), com a qual concordamos, é inspirada no conceito de *Pathosformel*<sup>13</sup> do historiador da arte Aby Waburg:

Minha hipótese é inspirada no trabalho de Waburg, para quem a arte renascentista renova a potência de imagens arcaicas, que se transformam em ‘fórmulas de páthos’ capazes de falar à memória profunda do observador. Creio que o Pathosformeln garantam impacto imediato às fotos de guerra. (SERVA, 2020,p.17)

### **Mas é mesmo uma Pietà?**

A foto premiada este ano de 2021 não mostra uma mãe chorando seu filho. A aproximação da Pietá está no gesto do abraço, uma mulher maior que a outra, uma profissional de saúde que acolhe uma doente. Uma referência de acolhimento, sofrimento, a mulher que recebe nos braços. Trazemos a seguir outras imagens que tiveram grande repercussão e chegam perto da ideia, sem ser tão literal a relação, como é a imagem de uma professora e um aluno em Beslan no ano de 2004.

Outro exemplo é a fotografia vencedora do WPP de 2013<sup>14</sup>, na imagem os corpos de duas crianças estão sendo levadas por seus tios para uma mesquita em Gaza para o seu funeral, fotografada por Paul Hansen. Santiago Lyon, presidente do júri 2013 explicou, na época, que essa foto “atinge sua cabeça, seu coração, e seu estômago-todas as chaves para um fotojornalismo eficaz” (WPP,2013).

Todas as imagens que se aproximam de temas religiosos, com áurea cristã, imitações da Pietàs, assim como os formatos de dualidade, que mostram imagens de *bem versus mal*, e as imagens que são reconhecíveis em outras imagens fotográficas, que já se tornaram clássicas caberiam nessa categoria de foto.

---

<sup>13</sup> “O termo grego ‘páthos’ significa ‘paixão’, no sentido de ‘sofrimento, sensação’ (Dicionário Houaiss da língua portuguesa). “O termo pathosformel tem sido traduzido tanto como ‘fórmula de páthos’, como ‘fórmula da emoção’” (SERVA,2020, p.20,21)

<sup>14</sup> Foto de Paul Hansen. Disponível em < <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo/2013/29934/1/2013-paul-hansen-sn1> > Acesso em 27 de julho de2021.

---

A foto da mãe, com o filho no colo, realimenta a construção histórica do cristianismo da imagem sacra, é a Pietà de Michelangelo. Aumont fala em noção de constância perceptiva que significa “a comparação incessante que fazemos entre o que vemos e o que já vimos”. (AUMONT, 1994, p. 82). O Fotojornalismo possui essa relação com as imagens clássica e constantemente as revisita.

No texto: *Photography, journalism and trauma*, Barbie Zelizer (2002) usa o título *Repeating the template's form*. A autora está se referindo a um modelo ou padrão de mostrar as fotografias, a partir de uma comparação do que foi visto e distribuído de imagens quando na abertura e liberação dos campos de concentração e o que foi produzido na cobertura do ataque do 11 de setembro de 2001 na cidade de Nova York.

Como foi dito anteriormente, é possível observar a existência de elementos que já foram utilizados previamente e que funcionaram para tantos outros fotógrafos a ponto de se tornar um molde imagético, o mais comum são os modelos cristãos da Pietà ou da jornada de Jesus Cristo. A imagem vem de uma matriz existente. Observamos a imagem não como a foto de um determinado assunto, mas como essa imagem conversa com outros assuntos, com outras imagens já premiadas.

Quantas imagens semelhantes a essas existem? Levantamos 28 imagens, haverá mais. Esse modelo de fotografia revisita um formato estético que se consagrou. A Pietà é assimilada a partir de outros elementos para além de uma mãe e um filho, envolve uma forma de acolher ou abraçar, um misto de desespero e esperança, é a imagem símbolo de uma grande catástrofe.

O projeto do Atlas Mnemosine de Aby Warburg, explicado da seguinte forma: “catálogo dos gestos humanos de expressão de emoções presentes em imagens produzidas em tempos e lugares distantes (antigas ou contemporâneas, ocidentais ou orientais), afirmando assim a universalidade e a eternidade desses gestos. (SERVA, 2020, p.48)” proporcionou uma elucidação interessante, “atlas” remete a enciclopédia e “Mnemosine” é “o nome da deidade grega ‘mãe das musas, e, portanto, geradora de toda produção artística” (SERVA, 2020, p.49). Essa catalogação mostrou moldes, que contribuíram para a formação do estilo no Renascimento. O que se percebe no fotojornalismo contemporâneo é exatamente essa percepção de gestos, emoções, movimentos repetitivos e re-encenados em novos atores e cenários. A Pietà é provavelmente a mãe das musas.

---

### **A imagem que poderia ser disruptiva**

A imagem pode romper com os padrões anteriores, pode trazer discussões novas, pode até causar estranhamento e interpretações conflitantes e pode ser aceita por todas as pessoas como uma boa imagem. O problema é que o fotojornalismo é um lugar de discussão e debate e o World Press Photo fez um movimento provocativo em alguns anos, dando chance a imagens menos engessadas ou estereotipadas. O termo *Imagem Pensativa* proposto por Rancière que significa imagem que “encerra pensamento não pensado, pensamento não contribuível à intenção de quem cria e que produz efeito sobre quem a vê sem que este a ligue a um objeto determinado” (2012:103) funciona bem para explicar essa imagem que desestabiliza as expectativas.

Em 2010, por exemplo, a foto premiada de Peter Masturzo foi criticada e Ayperi Karabuda Ecer, quem presidiu o jurado desse ano disse que: “muitas imagens do WPP se assemelham e começa a parecer um sistema. Pensamos que poderíamos abrir as portas” (DUNLAP, 2010). A fotografia *Signal* premiada de 2014 foi criticada por não representar o que se espera que a imagem sobre imigração represente, é inesperada porque não está contida dentro do acervo necessário para rapidamente assimilá-la e categorizá-la como uma foto de imigração. Em 2015, a foto de Mads Nissen era singela, falava da homofobia na Rússia a partir de um olhar íntimo. Na época do prêmio, Patrick Baz, um dos jurados, falou que acredita que os novos fotógrafos que estão chegando devem compreender que você não precisa estar cotovelo com cotovelo com uma dúzia de fotógrafos fazendo a mesma pauta e depois reclamando que ninguém compra suas imagens, fotógrafos podem encontrar suas histórias atravessando a rua (WPP,2015).

A imagem de 2021 traz uma história singular, um abraço, ela consegue se alinhar a fotos que surpreenderam em outros anos porque traz um singelo registro diferente dos demais.

A autora Laura Flores traz uma reflexão sobre os conceitos de Barthes no livro *Fotografia e Pintura* que parecem úteis a essa discussão que estamos levantando aqui. Em o Óbvio e o obtuso, Barthes(ano) pensa em uma dicotomia para o problema da fotografia: o óbvio é aquela parte da linguagem compartilhada por todos, cultural e paradigmática, enquanto o obtuso é aquilo que escapa à compreensão imediata e que se refugia na subjetividade da experiência. A autora Laura Flores, referindo-se a esse livro de Barthes, diz que “Barthes retoma o fio de um problema filosófico que já estava presente nos gregos: a oposição da linguagem verbal versus a linguagem escrita, sendo a

---

primeira vista como subjetividade/verdade e a segunda como legibilidade/construtibilidade” (FLORES, 2011, p. 251). Quando passamos ao livro *A Câmara Clara*, Barthes aproxima -se do campo do poético, o *obtusos* do livro anterior e o *punctum* desse livro estão no campo do subjetivo, o autor diz que “dar exemplos de punctum é, de certo modo, entregar-me” (BARTHES, 1984, p.42). A “mensagem sem código” é uma ficção, a foto que faz Barthes sentir a mãe mostra esse entregar-se. “O espectador/leitor, ao interpretar a obra e/ou imagem, interpreta-se a si mesmo. O autor, ao criar a obra, cria uma ponte entre o cultural (a ficção de realidade) e o pessoal (a realidade vivida)” (FLORES, 2011, P.255).

### **Considerações finais**

A imagem vencedora de 2021 precisaria ser inevitavelmente sobre a pandemia, o assunto transbordou todos os outros. A pandemia apareceu na mídia fortemente na China, depois na Itália, depois nos Estados Unidos e no Brasil. Os Estados Unidos trouxeram outras questões ligado às eleições e o Brasil ficou evidente na questão da Amazônia. Um desses países seria o lugar protagonista para contar a história de 2020.

A pergunta levantada para escrever este trabalho e fazer esta análise foi a seguinte: O que faz uma fotografia sobre a Covid-2019 ganhar o prêmio mais disputado de fotojornalismo do mundo? A partir dessa questão, levantamos algumas hipóteses: a primeira hipótese é o assunto; a segunda hipótese é o tratamento da notícia, a terceira hipótese é a postura de quem fotografa e seus discursos sobre o fotojornalismo e sua função no mundo, a quarta hipótese é a de que trata-se de mais uma Pietà revisitada pelo fotojornalismo.

Concordamos que a fotografia de 2021 é interessante no que diz respeito a cumprir sua função como notícia, ela traz uma visão menos óbvia pelo que mais apareceu na mídia, não premiaram nessa categoria exemplos de fotos recorrentes de ambulâncias, caixões e médicos ou enfermeiros com rostos marcados pelas máscaras. A ideia foi a de mostrar uma fotografia esperançosa e não as que trataram do medo da pandemia, o que por si só já indica uma posição política diante do fato.

A foto premiada é acertada em várias aspectos, mas, ao nosso ver, erra no discurso sobre a potência do fotojornalismo. Desperdiça a chance de ser disruptiva, intrigante, inquieta, pensativa, obtusa, *punctum*. A partir dos autores trazidos, que propõem termos interessantes às imagens que inquietam, vamos acrescentar mais um, o

---

prêmio não corre nenhum risco. Essa foto cumpre os protocolos de uma foto premiável: é feita por um fotógrafo que fez o curso de formação do WPP, homem, branco, europeu, que viaja até um país subdesenvolvido, liderado por um governante duvidoso, e traz uma foto feita sem encenação de uma Pietà.

Serva (2020) relata como o historiador Aby Warburg conseguiu mostrar a incorporação de imagens gregas a obras renascentistas. O *Nachleben*, termo proposto pelo historiador da arte no século XIX foi muito bem incorporado aos estudos da fotografia de guerra e servem para o que analisamos agora. O prêmio de 2021 poderia ter levantado discussões sobre a fotografia como potência estética e trazido um debate mais aprofundado sobre o assunto. O prêmio não inovou em nada, um fotógrafo homem europeu, como são os ganhadores de praticamente todas as edições, com pouquíssimas exceções, uma fotografia do assunto do ano, uma imagem fora da Europa, uma Pietà revisitada e um discurso heroico de um repórter que quer fazer alguma coisa sobre a situação de um país em desenvolvimento, juntamente com o discurso da não intromissão, montagem e sombra de qualquer manipulação.

Em suma, o que se premia é um panorama do que tem sido pensado para essa linguagem da fotografia e é resultado das disputas existentes entre quem faz parte dessa específica cadeia produtiva. Existe uma possibilidade dada ao fotojornalismo de ser disruptivo, aquele que rompe, que está desobrigado e que propõe a essa linguagem um novo modelo, sem olhar para trás, que incorpora as ideias de contemporaneidade, de arte contemporânea, que observa outras relações entre fotógrafo/a versus fotografado/a, que repensa a imagem das vítimas e que trabalha no terreno do sensível, que trabalha as cores, luzes reflexos a partir da experiência. Essa imagem disruptiva existe, está em algumas capas de jornais, em alguns cadernos especiais e algumas vezes nos prêmios, entrando para o melhor do fotojornalismo no meio de brigas e discussões sobre seu devido merecimento. Mas este ano, essa imagem potente escapou, não foi a melhor foto do ano.

## Referências

- AUMONT, J. **A Imagem**. 2ªed. Campinas – SP. Papirus, 1995 – Coleção Ofício de Arte e Forma.
- CARTIER-BRESSON, H. **O imaginário segundo a natureza**. Editorial Gustavo Gili. S.A. Barcelona, 2004. 99p.

- DUNLAP, David W. **Showcase: The Best in the World**. 12 de fevereiro de 2010. Disponível em <<http://lens.blogs.nytimes.com/2010/02/12/showcase-122/comment-page-1/>> Acesso em março de 2013
- FLORES, L.G. **Fotografia e pintura: dois meios diferentes?** São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. 274p.
- GALARD, Jean. **Beleza Exorbitante. Reflexões sobre abuso estético**. Editora FAP-UNIFESP. São Paulo-SP. 2012, 176p
- HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. **A produção social da notícia: o mugging dos media**. In TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja Editora, 1999. 224- 248p.
- HOUAISS, Antônio; Mauro de Sales Villar, **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**, Rio de Janeiro: Objetiva, 2001, p.2.149
- LEITÃO, Juliana A. **Fotojornalismo disruptivo: espaços de disputa, processos de ruptura e a representação visual dos acontecimentos no World Press Photo**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco. 26 fev 2016 Disponível em <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/17439>> Acesso em 28 de julho de 2021.
- PICADO, B. **De pastiches e perplexidades: limites e devires da discursividade visual no fotojornalismo** In: *Jornalismo contemporâneo : figurações, impasses e perspectivas / Gislene Silva ... et al. organizadores. - Salvador : EDUFBA; Brasília : Compós, 2011. 322 p (157-179)*
- RANCIÈRE, J. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 128p.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.; Editora 34, 2009 (2ª edição) 72p.
- RANCIÈRE, Jacques. **O destino das imagens**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012. 152p. (b)
- RANCIÈRE, Jacques. **O Espectador Emancipado**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. 128p.
- SERVA, Leão. **A fórmula da emoção na fotografia de guerra/ Leão Serva**. – São Paulo: edições Sesc São Paulo, 2020. – 204p.
- SONTAG, Susan. **A doença como metáfora**. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. Tradução Rubens Figueiredo. – São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 107p.
- SONTAG, Susan. **Sobre a Fotografia** . São Paulo, Companhia das Letras, 2004
- SOULAGE, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo, editora Senac, 2010. 383p
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Universidade Fernando Pessoa Porto, 1998. Disponível em < [http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia\\_fotojorn1.html](http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html) > Acesso em 12 de junho de 2021.
- TUCHMAN, Gaye. **Contando “estórias”**. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Vega, 1999b. p. 258-262.

---

WPP. **The First Embrace**. 2021 Photo Contest, World Press Photo of the Year. Mads Nissen (Politiken/Panos Pictures). Disponível em <https://www.worldpressphoto.org/collection/photo/2021/41591/1/Mads-Nissen-POY>  
Acesso em 04 de julho de 2021.

ZARZYCKA, . KLEPPE, Martijn. **Awards, archives, and affects: tropes in the World Press Photo contest 2009–11**. Revista Media, Culture & Society. sagepub.co.uk/journalsPermissions.nav. DOI: 10.1177/0163443713501933. mcs.sagepub.com. Disponível em < <http://mcs.sagepub.com/content/35/8/977.full.pdf>>  
Acesso em julho de 2013.

ZELIZER, Barbie. ALLAN, Stuart. **Journalism after September 11**. London & New York: Routledge, 2002. 248 pp.